

MARCAS DE AFRICANIA NO PORTUGUÊS DO BRASIL: O LEGADO NEGROAFRICANO NAS AMÉRICAS

Yeda Pessoa de Castro

RESUMO

O termo *africania* designa o legado linguístico-cultural negroafricano nas Américas que se converteu em matrizes partícipes da construção de um novo sistema cultural e linguístico que, no Brasil, nos identifica como brasileiros. Esse legado estende-se a outras Nações Americanas e ao Caribe, e deve-se, sobretudo, ao falante banto de línguas angolanas pela sua prevalência no tempo, maior densidade populacional e larga distribuição humana naqueles territórios americanos sob domínio colonial e escravocrata. A consequência mais direta desse contato multicultural e linguístico foi a alteração da língua portuguesa na antiga colônia sulamericana, o que deu ao Português do Brasil um caráter próprio, diferenciado do Português de Portugal, e proporcionou a emergência das línguas crioulas na esfera afroeuropéia do *Caribe* e no dialeto Gullah dos Estados Unidos. Nesse processo, merece destaque a atuação da mulher negra na casa senhorial e a inserção dos aportes lexicais negroafricanos no português do Brasil que enriquecem o universo simbólico da língua portuguesa como um todo.

Palavras-chave: Africanias. Aportes negroafricanos. Línguas angolanas. Os crioulos.

RÉSUMÉ

Le mot *africania* désigne l'héritage linguistique et culturel noir-africain dans les Amériques qui est devenu les matrices partageuses de la construction d'un nouveau système culturel et linguistique qui, au Brésil, nous identifie comme des brésiliens. Cet héritage s'élargit à d'autres Nations Américaines et dans les Caraïbes, et vient, surtout, du locuteur bantou de langues angolaises par sa prédominance dans le temps, la plus grande densité de population et la grande distribution humaine dans ces territoires américains sous domaine colonial et d'esclavage. La conséquence la plus directe de ce contact multicultural et linguistique fut le changement de la langue portugaise dans l'ancienne colonie sud-américaine, qui a donné au Portugais du Brésil un caractère unique, différent du Portugais du Portugal, et a fourni l'émergence des langues créoles dans le domaine afroeuropéen des *Caraïbes* et dans le dialecte Gullah des États-Unis. Dans ce processus, il faut signaler le rôle de la femme noire dans la maison maître et l'insertion des contributions lexicales noires-africaines dans le portugais du Brésil qui enrichissent l'univers symbolique de la langue portugaise dans son ensemble.

Mots-clés : Africanies. Contributions noires-africaines. Langues angolaises. Créoles.

INTRODUÇÃO

Aqui, estamos a falar do negroafricano de referência aos povos da África Subsaariana, região onde se concentra a população negra do continente e abriga uma centena de línguas classificadas em dois grandes grupos etnolinguísticos, banto e oesteaficano, antes chamado de sudanês, pertencentes à extensa família Nigero-Congolesa ou Niger-Congo (Greenberg, 1966).

Quanto ao termo *africanias* para designar o legado linguístico-cultural negroafricano nas Américas foi construído no mundo acadêmico na Universidade de Alcalá de Henares, na Espanha, pelo grupo de pesquisadores da Cátedra UNESCO de Estudos Afro-Ibero-Americanos, criada em 1945, e liderada, à época, pelo cientista político Luis Beltrán. Entre nós, passou a ser divulgado a partir de 2007 ao criarmos na Universidade do Estado da Bahia, quando lá estivemos, o Núcleo de Estudos Africanos e Afrobrasileiros em Línguas e Culturas – NGEALC e sua revista eletrônica bimestral *Africanias.com*.

A partir de uma definição mais ampla da saudosa antropóloga colombiana Nina Friedmann, no artigo “Cabildos negros, refugios de africanias en Colombia” (Revista Montalbán, Universidad Católica Andrés Bello, 1988:

Podemos entender *africana* como a bagagem cultural submergida no inconsciente iconográfico do contingente negroafricano trazido para as Américas em escravidão, que se faz perceptível na língua, na música, na dança, na religião, no modo de ser e de ver o mundo. No decorrer dos séculos, como forma de resistência e de continuidade na opressão, transformaram-se e converteram-se em matrizes partícipes da construção de um novo sistema linguístico-cultural que, no Brasil nos identifica como brasileiros. (Yeda Pessoa de Castro, *Africanias.com*, 2011, n.1).

O LEGADO LINGUÍSTICO CULTURAL

Tendo em vista o ensinamento da linguista angolana Amélia Mingas (2008) “a língua substancia o espaço de identidade e identitário de um povo através da comunicação”, esse legado linguístico-cultural, que se estende a outras Nações Americanas e ao Caribe, deve-se aos falantes do mundo banto, principalmente de línguas angolanas, pela sua prevalência no tempo, maior densidade populacional e larga distribuição humana naqueles territórios então sob regime colonial e escravocrata.

Entre eles, destaca-se o Brasil, onde Angola está no DNA da modalidade brasileira da língua portuguesa e nas manifestações de sua cultura que tem a musicalidade do SAMBA e o jogo-luta da CAPOEIRA como símbolos de brasilidade, internacionalmente reconhecidos. Por sua vez, o mesmo se passou com os ritmos caribenhos que também são de base angolana, a exemplo da *rumba* e do *mambo* compreendidos como símbolos de identidade nacional cubana, assim como veio a ser o *candombe* no Uruguai, o *calypso* em Trinidad e Tobago e o *tango* na Argentina.

No entanto, se as vozes dos quatro milhões de indivíduos que foram trasladados da África Subsaariana para o Brasil ao longo de quatro séculos consecutivos tivessem vez e fossem ouvidas em nossa História, não haveria dúvida de que a consequência mais direta daquele tráfico na antiga colônia sulamericana foi a alteração da língua portuguesa em todos os setores, léxico, semântico, prosódico, sintático e, de maneira rápida e profunda, na língua falada, o que deu ao português do Brasil um caráter próprio, diferenciado do português de Portugal.

Submergidas no inconsciente iconográfico daquele numeroso contingente humano de maioria banto, aquelas vozes se mostram perceptíveis na fonologia e na estrutura morfossintática do português do Brasil e se revelam de maneira inequívoca em centenas de aportes lexicais que foram e ainda são apropriados em diferentes níveis socioculturais de linguagem como patrimônio linguístico do português do Brasil, a enriquecerem o universo simbólico da língua portuguesa como um todo.

Entre os exemplos:

- pronúncia rica em vogais do falar brasileiro (*ri.ti.mo* x *rit.mo*, *a.di.vo.ga.do* x *ad.vo.ga.do*, *pi.neu* x *pneu*),
- tendência a marcar o plural do substantivos, quando em posição pronominal, apenas nos determinantes: os menino(s), as casa(s),
- o uso da dupla negação: “Não quero não”.
- o emprego preferencial pela próclise: “Eu lhe disse: me dê o livro”
- o uso da preposição **em** com verbos de movimento. “Fui na escola”,
- o uso dos pronomes dativos e acusativos com as mesmas formas; “Eu lhe vi”, “Eu lhe conheço”.

OS APORTES

Embora de tradição já firmada na linguística moderna, preferimos não falar de empréstimos devido ao “seu cunho eufemístico, ou melhor, por sua extraordinária polidez” como o qualificou o filólogo brasileiro Said Ali, em *Dificuldades da Língua Portuguesa* (1957, p.183). Trata-se da apropriação e integração de contributos linguístico e socioculturais negroafricanos inscritos na configuração da modalidade do português brasileiro por meio de um processo contínuo de importação, onde o alcance do significado do termo *aporte* é mais apropriado por ser muito mais amplo do que o atribuído ao termo empréstimo.

São marcas lexicais portadoras de elementos culturais compartilhados por toda a sociedade, que, no Brasil, transitam no âmbito de todas as áreas do conhecimento, com predominância de lexemas do kikongo e do kimbundo, línguas angolanas muito assemelhadas, a exemplo do que se observa entre o espanhol e o português nas línguas românicas.

Exemplos:

- Recreação - *samba, capoeira, maculelê*
- Instrumentos musicais - *marimba, berimbau, cuíca.*
- Culinária- *mocotó, moqueca, mungunzá, canjica,*
- Religiosidade - *candomblé, macumba, umbanda, catimbó*
- Poéticas orais - os *tutus* e *mandus* dos acalantos - o *tindolelê* das cantigas-de-roda infantis.
- Doenças – *caxumba, dengue.*
- Flora - *dendê, maxixe, jiló, moranga, andu.*
- Fauna - *camundongo, minhoca, caçote, marimbondó, mingongo.*
- Usos e costumes - *cochilo, muamba, catimba.*
- Ornamentos – *miçanga.*
- Vestes - *tanga, sunga, canga.*
- Habitação - *cafofo, cafua, muquiço.*
- Família - *caçula, babá.*
- Corpo humano - *bunda, banguela, capenga.*
- Objetos fabricados - *caçamba, tipóia, moringa.*
- Mundo afetivo - *xodó, dengo, cafuné.*
- Insultos - *xingamento, sacana, lelé.*

- Mando - *bamba, capanga*.
- Comércio - *quitanda, bufunfa*.

Neste vocabulário, há de distinguir os lexemas que entraram na época colonial para o domínio da língua portuguesa e estão completamente integrados ao seu sistema linguístico, de onde formam diferentes derivados com prefixos e sufixos do português, vendo seus limites morfológicos desaparecerem ou enlarguarem, sem que o falante brasileiro se aperceba de que se trata de um lexema banto. Tendo em vista o pressuposto de que a profundidade sincrônica revela uma antiguidade diacrônica, a constatação desse fato é mais um testemunho da antiguidade maior dos falantes angolanos em território brasileiro.

Ex. # ka.lu.nga# → # ca.lun.ga # → ca.lun.gui.nha (rato pequeno), onde se perdeu a noção do prefixo banto *ka-* como diminutivo e a consoante nasal /ng/, um fonema inexistente em português, nasaliza a vogal precedente em obediência ao sistema morfossintático do português padrão, desde quando não há vogais nasais em banto.

Nessa mesma categoria encontram-se os aportes associados ao tempo da escravidão (*senzala, quilombo, mucama*), alguns já obsoletos (*banguê banzo, cafua*) e poucos também correntes em Portugal (*moleque, carimbo*), em meio a centena de vocábulos para designar elementos novos tangíveis então introduzidos no falar corrente do trato diário do português com os escravizados domésticos, cantados como *escravos de jó* (do kimbundo “jinjo/njo”, da casa) da conhecida brincadeira infantil brasileira (CASTRO, 2015, p.57-70).

A MULHER NEGRA

Na intimidade da casa senhorial, o desempenho sociolinguístico da mulher negra como ladina na função de ama-de-leite, criadeira ou *babá*, e dama de serviços ou *mucama* das sinhazinhas, de quem eram confidentes e companheiras, foi tão marcante no ambiente familiar que até hoje o filho mais jovem da família brasileira é chamado pelo termo angolano *caçula* em lugar de *benjamim*, que, no Brasil, passou a significar tão somente um interruptor de corrente elétrica (o Word, na sua versão brasileira, reconhece apenas como nome próprio).

No mundo afetivo, a mãe negra nos deixou o *xodó*, o *xamego*, o *cafuné*, o *cochilo*, o *denngo*, esse também expresso no conhecido provérbio brasileiro “o *caçula* é o *denngo* da família, ao mesmo tempo em que, no embalo do canto do acalanto, nos fez dormir temerosos dos apavorantes *sussus*, *mandus*, *tutus*, que nos espreitavam dos telhados, enquanto nos ensinava a cantar, nas cantigas-de-roda, o agradecimento contido no refrão “*abre a roda tindolelé*”.¹ Por sua vez, as *quituteiras* usavam o *dendê* angolano na cozinha das casas senhoriais, que se tornou marca identitária da cozinha brasileira na Bahia, preparando as famosas *muquecas*, até mesmo de bacalhau, prato típico da culinária portuguesa. Tais evidências, entre muitas outras ainda encobertas por falta de pesquisa nesse domínio, nos leva a projetar a mulher negroafricana como a figura emblemática da grande mãe ancestral dos brasileiros.

Ainda, neste momento, demais lexemas angolanos deixaram fora de uso na linguagem vernacular brasileira os seus equivalentes em português, a exemplo de *moringa* em lugar de bilha, *capenga* por coxo, *cachaça* por aguardente, *cochilar* por dormir, *dendê* por óleo de palma, *molambo* por rapo, *marimbondo* por vespa, *denngo* por mimo, *caxumba* por trasorelho, *xingar* por insultar, *lengalenga* por enganação, *babatar* por tatear, *bunda* por rabo.

A MEMÓRIA DAS VOZES

Mas onde ficou a memória recordação dessas vozes, uma vez que nenhuma língua africana é mais falada como língua plena nem no Brasil nem no Caribe?

- Em falares especiais de comunidades negras rurais brasileiras, chamadas “língua de preto” que utilizam um sistema lexical de maioria kimbundo/umbundo. Entre elas, “Língua dos negros da Tabatinga” (QUEIROZ, 1988) e “Língua de Banguela” no cântico dos *vissungos* também em Minas Gerais (CASTRO, 2008) e a “Língua Kupopiá do Cafundó” em São Paulo (VOGT, 1996).

- No Caribe, essas vozes provocaram a emergência das línguas crioulas de base africana na esfera afroeuropéia do Caribe Insular e Continental de língua

¹ Entre outros compositores brasileiros, Martinho da Vila, na música “Me Faz Um Denngo”, escreve em um trecho: “*Me faz um denngo, me faz um xamego / Me tira o sossego, me faz cafuné*”. Já Luiz Gonzaga é autor de duas composições intituladas “Xodó” e “Xamego”.

francesa (no Haiti), inglesa (em Trinidad e Tobago), holandesa (o *papiamento de Curacao*) e no dialeto Gullah do Sul dos Estados Unidos (Cf. Lorenzo Turner, 2002). Na Colômbia, o falar de base kikongo-kimbundo do Palenque de São Basílio (FRIEDMANN, 1988).

- No Brasil e no Caribe, a exemplo de Cuba, ficaram resguardadas na linguagem cultural das religiões afrobrasileiras onde elas ressoam com maior intensidade através de um repertório linguístico de base africana diferenciada, que serve como marca identitária sociorreligiosa do grupo, seja ele de “nação” ewe- fon ou daomeana dos voduns, dos orixás yorubanos ou dos inkisis congo-angola (cf. CASTRO, 2005).

Cuba	Brasil	Origem	Língua
Santeria ou Regla de Ocha	“Nação” nagô-queto	Nigéria/Benin	Yorubá
Palo ou Regla de Palo Monte	“Nação” congo-angola	Congo/Angola	Banto
Arará	“Nação” mina-jeje	Togo/ Benin	Ewe-Fon

Linguagem cultural

“Nação”	<i>mina-jeje</i>	<i>nagô-queto</i>	<i>congo-angola</i>
Deus	Hunsó	Olorun	Zambi
Santo	Vodun	Orixá	Inkisi
mãe-de-santo	rumbono /done	yalorixá	mameto/ nêngwa
pai-de-santo	dote	babalorixá	tateto/ tata
Iniciado	vodunsi	yaô	muzenza
o mais velho	ebome/evame	ebome	Makota
Leigo	betó	kosi	Abantó
templo/terreiro	rondemo	Ilê	unzó/ inzó
Santuário	peji	(peji)	Bakisi
Origem	<i>Gbe (ewe- fon)</i>	<i>Yorubá</i>	<i>Banto</i>

Tal repertório, conhecido por língua-de-santo no Brasil, língua do serviços loa ou língua de santeiros em Cuba, é transmitido por tradição oral e apoiado em um tipo consuetudinário de comportamento bem conhecido dos participantes por experiência pessoal. Neste contexto, *língua* deve ser entendida mais como veículo

de competência simbólica do que propriamente linguística. Para os fiéis importa mais saber o momento preciso de empregar essa ou aquela palavra e expressão durante o cerimonial do que o significado literal de cada uma. Esse vocabulário é circunscrito a um sistema lexical de base negroafricana relacionado ao universo religioso dos recintos sagrados onde se desenrolam as cerimônias do culto e já modificado, em sua origem, pela interferência em contato com a língua portuguesa no Brasil. Por sua vez é fonte permanente dos aportes negroafricanos no português do Brasil, a partir da frequência com que são usados no falar cotidiano da gente do culto e popularizados através da mídia por compositores da Música Popular Brasileira e de entidades sócio-carnavalescas, além de telenovelas produzidas no Brasil com temas regionais (Cf. CASTRO, 2005). O lexema yorubano *axé* para designar os fundamentos sagrados do terreiro foi tirado do seu contexto original para ser usado como saudação votiva, equivalente a *amém*, *boa-sorte* em português, e nos anos 80 passou a denominar um tipo de música popular produzida na Bahia, hoje internacionalmente reconhecida como “*axe-music*”.

AS ORIGENS

Calcula-se que a maioria dos 75% dos quatro milhões de indivíduos trazidos pelo tráfico transatlântico para o Brasil era proveniente dos reinos do Kongo e do Ndongo, embarcados no porto de Luanda, que, na imaginação popular, vinham de Aruanda, a África mítica, morada dos deuses e dos ancestrais, como é invocada nos cânticos culturais e da capoeira. Do começo do tráfico, século XVI até o seu final, século XIX, foram distribuídos por todo o território brasileiro que exigia trabalho forçado nas mais diversas atividades.

Como testemunho documental dessa presença majoritária, a mais antiga gramática do kimbundo, *A Arte da língua de Angola*, publicada em Lisboa em 1697, foi escrita na cidade da Bahia pelo missionário Pedro Dias para uso dos jesuítas como meio de facilitar a doutrinação dos 25.000 “etíopes”, segundo o padre Antonio Vieira, que viviam naquela cidade, sem falar português. No mesmo século, presumimos que um falar de base banto deve ter-se desenvolvido no Quilombo de Palmares, a deduzir pelos títulos de seus líderes maiores, Ganga Zumba, Zumbi, Dandara, e dos seus principais aldeamentos, Osengo, Macaco, Andalaquituxe, além da própria denominação quilombo.

No séc. XVIII, ao encontro daquela gente banto já estabelecida nos núcleos coloniais em desenvolvimento, dá-se a chegada de povos oesteafricanos dirigidos para as minas então descobertas na antiga colônia portuguesa das Américas, simultaneamente com a produção de tabaco do Recôncavo baiano e do plantio de algodão no Maranhão. Ficaram conhecidos na historiografia brasileira pelas denominações minas, jejes, mahis, aladás ou aradás, ararás, em Cuba. Sua presença foi de tal ordem na região das Minas Gerais que em Vila Rica, atual Ouro Preto, registrou-se o mais importante documento linguístico do tempo da escravidão no Brasil: *A Obra nova da língua geral de mina* de Antônio da Costa Peixoto, dois manuscritos datados de 1731 e 1741, contendo um vocabulário de um dialeto afro-brasileiro de base ewe-fon que era usado pela escravaria local (CASTRO, 2002).

Em meados do séc. XIX, na última fase do tráfico transatlântico, quando esse foi intensificado entre os portos da Bahia e da África Ocidental, Nina Rodrigues, em sua obra póstuma *Os africanos no Brasil* (1945), documenta uma dezena de palavras de cinco línguas faladas na região do golfo de Benin - *tapa, grunce, fulani, jeje-mahi, hauçá* - de que ainda se lembravam alguns de seus representantes na cidade da Bahia àquela época.

Com exceção do hauçá, da família afroasiática, de introdução relativamente tardia no Brasil, nas primeiras décadas do século XIX, e de falantes minoritários localizados na cidade do Salvador, podemos verificar que essa variedade das línguas documentadas no Brasil durante o período da escravidão têm uma origem comum. São línguas pertencentes à família linguística Nígero-Congoleza (Greenberg, 1966), com um substrato comum africano, muitas mutuamente inteligíveis, o que de certa forma proporcionava a comunicação entre eles, acrescido do fato do negroafricano ser necessariamente poliglota. Além de falar sua língua materna, fala também outras línguas locais por vizinhança, casamentos exogâmicos ou relações comerciais.

Por mais esse motivo, a estratégia dos escravagistas de mesclarem falantes trazidos de diferentes regiões geográficas subsaarianas numa senzala e nas plantações para dificultar a comunicação entre eles provou ser ineficaz e equivocada. As rebeliões não deixaram de eclodir em todos os tempos e diferentes sítios.

Esse poliglotismo certamente também proporcionou, no Brasil, a emergência de línguas veiculares de base africana, a exemplo do “dialeto nagô”

mencionado por Nina Rodrigues, segundo ele, “*uma espécie de patuá abastardado do português com línguas africanas*” que era corrente, nas últimas décadas do século XIX entre a população negra e mestiça da cidade da Bahia , onde se encontrava uma maioria de povos procedentes do Golfo do Benin, principalmente yorubás, cujos falantes, em número majoritário, devem ter provocado a emergência do uso de um falar urbano afrobrasileiro lexicalizado pelo yorubá. Se assim foi, não se tratava, portanto, da língua yorubá como muitos se deixam confundir em razão da tendência popularizada dessa língua e das demais línguas e povos negroafricanos ainda serem tradicionalmente apelidados no Brasil *de nagô*, de acordo com a denominação que tomam no antigo Reino de Ketu, hoje situado na República do Benin.

O PORTUGUÊS DO BRASIL

No entanto, na inevitabilidade desse processo de interpenetrações culturais e linguísticas e em resistência a ele, as vozes banto ressoaram sobre todas a impor alguns dos mais significativos valores e traços expressivos do seu patrimônio cultural e linguístico na construção da língua portuguesa do Brasil, em razão de uma confluência de motivos favoráveis de natureza extralinguística e de ordem linguística.

Por extraordinária coincidência, no confronto continuado do português com povos de línguas angolanas, majoritários à época, em lugar de emergir um conflito por falta de inteligibilidade entre seus falantes, donde a necessidade de comunicação faria surgir um outro falar, uma língua crioulo como se verifica no Caribe da esfera francesa e inglesa, levantamos a hipótese de que ocorreu um movimento implícito de africanização do português, por um lado, e, por outro, a imantação pelo português das línguas negroafricanas, em razão de semelhanças morfofonológicas e sintáticas casuais, mas notáveis, entre o português arcaico e as línguas do grupo banto, também em seu aspecto arcaizante, um assunto que discutiremos em detalhes em nosso próximo livro *Camões com dendê, das línguas africanas ao português do Brasil*.²

² A Universidade de Leeds já se preocupa com as extraordinárias semelhanças entre as línguas do grupo banto e românicas, a exemplo da Dra. Cécile De Cat.

Convém, no entanto, voltar a salientar que, entre essas semelhanças, a mais notável é o sistema de sete vogais orais, atestadas no protobanto e a estrutura silábica (CV), fazendo com que se observe a conservação do centro vocálico de cada sílaba, mesmo átona, o que proporcionou a continuidade do tipo prosódico da base vocálica do português antigo na modalidade brasileira, afastando-a do português de Portugal de pronúncia muito consonantal. O português europeu atual tende a pronunciar apenas a vogal central da palavra (*mnin em lugar de me.ni.no), criando grupos consonantais impronunciáveis na fonotática brasileira.

Cf. Português Brasileiro (CÂMARA JR.,1954) Kimbundo (MINGAS, 2000)

<i>Anterior</i>	<i>Central</i>	<i>Posterior</i>		<i>Anterior</i>	<i>Central</i>	<i>Posterior</i>
<i>u</i>		<i>i</i>	1ºgrau	<i>u</i>		<i>i</i>
<i>ô</i>		<i>ê</i>	2ºgrau	<i>ô</i>		<i>ê</i>
<i>ó</i>		<i>é</i>	3ºgrau	<i>ó</i>		<i>é</i>
	<i>a</i>		4ºgrau		<i>a</i>	

Diante dessa proximidade relativa e provavelmente de outras ainda encobertas por falta de pesquisas nesse domínio, que se venham somar as alegações vigentes de vária ordem para explicar, de maneira convincente, as razões do português do Brasil ter-se afastado do português de Portugal, como também de não haver sucedido um falar crioulo como segunda língua no Brasil e de línguas africanas não serem mais faladas como línguas plenas em território brasileiro, uma observação também válida para os territórios de língua espanhola nas Américas.

Por outro lado, coincidentemente, em Angola e Moçambique onde, a exemplo do Brasil, foram as mesmas línguas que entraram em contato, não se registram falares crioulos do português, ao contrário do que se observa em Cabo Verde e na Guiné Bissau, países onde o português entrou em contato com línguas tipologicamente distintas das línguas do grupo banto e de estruturas morfossintáticas diferenciadas do português (cf. MINGAS, 2000).

Sem esquecer da parcela de contribuição das línguas indígenas brasileiras, geograficamente mais localizada e menos extensa, não há, portanto, como negar a dimensão e amplitude da interpenetração das línguas negroafricanas com a língua portuguesa na formação do português do Brasil e o desempenho dos falantes negroafricanos como os principais agentes transformadores e difusores da sua modalidade em território brasileiro sob regime colonial e escravista.

O português brasileiro, portanto, naquilo em que se afastou do português do Portugal é historicamente o resultado de um movimento implícito de africanização do português europeu arcaico e regional, e, em sentido inverso de aportuguesamento do negroafricano sobre uma base indígena preexistente e geograficamente mais localizada no Brasil.

A partir, portanto, desse tipo de reorientação metodológica que dá visibilidade e voz aos falantes negroafricanos na formação da modalidade da Língua Portuguesa no Brasil, chegamos à conclusão de que três famílias linguísticas deram origem a uma nova variação da língua portuguesa: o Português Brasileiro.

- ✓ a família Indo-Européia da qual fazem parte as línguas Românicas, entre elas a língua Portuguesa,
- ✓ a família das línguas ameríndias do tronco Tupi, que se espalha pela América do Sul,
- ✓ a família Nígero-Congolesa da África Subsaariana, com destaque para as línguas do grupo Banto de Angola, cujos falantes foram majoritários ao longo de três séculos consecutivos na história do Brasil.

Quando Eça de Queirós afirmou, certa feita, que o Brasil açucarou a língua portuguesa, poderia ainda ter dito que os negroafricanos a temperaram com azeite de dendê, vermelho da cor do sangue que derramaram para construir a segunda maior nação de população melano africana do mundo.

REFERÊNCIAS

ALI, Said (1957) **Dificuldades da Língua Portuguesa**. 5ª.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

AMARAL, Amadeu (1920) O dialeto caipira. São Paulo: Casa Editora O Livro. CAMARA JR., Joaquim Mattoso (1954) **Princípios de Linguística Geral**. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

CASTRO, Yeda Pessoa (2014). **O protesto no conto do canto do acalanto**. Salvador: Academia de Letras da Bahia.

CASTRO, Yeda Pessoa de (2002) **A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro (Coleção Mineiriana).

CASTRO, Yeda Pessoa de (2005) **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro. 2ª.ed.** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Topbooks Editora.

CASTRO, Yeda Pessoa de (1980) **Os falares africanos na interação social do Brasil Colônia.** Salvador, CEAQ/UFBA, nº 89.

CASTRO, Yeda Pessoa de (2008).A propósito do que dizem os vissungos. Em **Vissungos, cantos afrodescendentes em Minas Gerais.** SAMPAIO, Neide Freitas (Org.), 2ª.ed., rev., aumentada. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, págs. 67-76.

FRIEDMANN, Nina (1988) **Cabildos negros, refugios de africanias en Colombia.** Em Revista Montalbán, Caracas: Universidad Católica Andrés Bello, p. 52.

GREENBERG, Joseph (1966). **The Languages of Africa.** Bloomington: Indiana University.

GÜTHRIE, Malcolm (1948) **The classification of the Bantu languages.** Londres: Oxford University Press.

MACHADO Filho, Aires da Mata (1964) **O negro e o garimpo em Minas Gerais.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

MINGAS, Amélia (2000) **A Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda.** Luanda: Campo das Letras.

QUEIROZ, Sônia (1998) **Pé preto no barro branco. A língua dos negros de Tabatinga.** Belo Horizonte: EDUFMG.

TURNER, Lorenzo D. (2002). **Africanisms in the Gullah Dialect.** University of South Carolina Press.

VOGT, Carlos, FRY, Peter (1996) **Cafundó, a África no Brasil: língua e sociedade.** São Paulo: Cia. das Letras; Campinas: Editora Unicamp.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

DE CASTRO, Yeda Pessoa. Marcas de africania no português do Brasil: o legado negroafricano nas Américas. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura.** São Cristóvão: UFS, v. 24, p. 11-24, 2016.

Recebido: 31.01.2016

Aprovado : 25.04.2016

